

Duas opiniões

sobre Brasília

Eliana Cotrin
da Editoria de Cidade

Diferente de tudo o que se possa encontrar no mundo e, indiferente a todos os padrões tradicionais das cidades, no Planalto Central de um país subdesenvolvido, entre controvérsias sociais, políticas, econômicas e humanas, sob a inspiração poética de Lúcio Costa dos traços de Niemeyer e do idealismo político do então presidente Juscelino Kubitschek surge Brasília.

Através de seus anos de vida ou de fecundação, iria originar entre todos os brasileiros - conscientes ou não - uma tomada de posição. Talvez seja este o motivo pelo qual Brasília, um tema já enfocado e discutido tantas e tantas vezes, retorne "novo e interessante", embora abordado sempre, ou quase sempre, assumindo os mesmos aspectos.

Para aqueles que nunca esticaram os passos pelo Brasil (num giro de carro ou pouso aéreo) o contato com Brasília se torna algo de real espanto. E, para surpresa dos já viajados e conhecedores de terras-além-mar, o próprio espanto também é espantoso! Mesmo tendo os olhos acostumados a um ou alguns tipos diferentes de cidades, urbanismos ou arquiteturas, qualquer pessoa ao chegar aqui, se surpreende. As fotografias, os cartões postais, os cartazes ou os posters feitos da cidade, jamais conseguem oferecer uma exatidão de conjunto que permitam a um indivíduo fazer uma idéia real da harmonia de formas e amplitude que a visão ao vivo consegue dar. A tão discutida Cidade do Planalto, "obra de um louco", é sempre uma surpresa.

Obedecendo a um plano inspirado num avião, o arquiteto Lúcio Costa enfrentou um Brasil inteiro traçando sobre sua prancheta e, não se sabe em quantas noites sem sono, a planta estrutural de uma cidade que para muitos, naquela ocasião, não passaria de um mirabolante sonho ou de uma utopia irrealizável. Mas, eis que nasce e, debaixo do protesto de centenas de milhares de brasileiros, consegue viver suas primeiras angústias e tornar reais seus primeiros sonhos. Entre a seca e a chuva, lutando contra as maiores dificuldades impostas pelas finanças não muito poderosas do nosso Brasil, os cerrados começam a ser abertos, os céus rasgados pelas asas prateadas dos aviões e do progresso e, neste centro virgem, é elevado o primeiro passo de coragem e persistência: o Catetinho (obra hoje conservada como Museu Histórico "marco de fé e esperança de um só homem num povo inteiro e num país tão grande").

Instalados ali, sem nenhum conforto, a inspiração do nosso arquiteto começa a ser colocada em prática. Palácios nunca vistos, concepções nunca imaginadas, uma arquitetura nunca sonhada, misturados a muito cimento e suor dos então chamados pioneiros e "candangos", vai-se concretizando, num mundo completamente desigual de todos os outros até então realizados.

Em seu projeto de arquitetura e urbanização, Lúcio Costa tenta responder a uma série de problemas humanísticos e uni-los inteligentemente, às necessidades de uma capital de Governo, ao mesmo tempo que busca em seu interior a arte e o idealismo, para marcar de grandeza e sensibilidade o novo centro, que para atender a uma Capital de país, deveria primar pela magestade de formas, numa correspondência ideal às suas altas funções governamentais.

Entretanto, depois de 16 anos de vida (própria), a inspiração de Lúcio Costa ou a persistência e fé de Juscelino, não foram o bastante para resguardar Brasília de uma série de opiniões divergentes, cujos julgamentos se precipitam controvertidos e geram quase sempre, "o papo de fim de noite". Por ser uma cidade de alta rotatividade de cargos e pessoas, sempre acontece na "rodinha" de ter alguém chegando, visitando ou partindo. Estes que chegam, visitam ou partem, são sempre, o começo da conversa que se estenderá ao longo da madrugada.

Embora seja uma realidade brasileira geradora de enorme progresso, um ponto de convergência nas grandes distâncias existentes no Brasil, continua a inspirar também e ainda, em todos os cantos, críticas e comentários dos mais diversos. Todos têm uma opinião formada e a ela, defendem da forma mais ferrenha e agressiva. Existem aqueles que só elogiam, existem aqueles que só desabafam. Contudo, hoje em dia, também já existem aqueles que procuram não repetir o que ouviram e fazer uma

análise sem precipitação e comentar abertamente e sem grandes paixões, suas reflexões sobre a cidade.

Num "bate papo" desprestencioso e informal, cujo tema seria mais uma vez, Brasília, Kristian Schiel, arquiteto paulista formado pela UnB e radicado em Brasília, e Mário Balaban, psicólogo, deram suas opiniões, mais como pessoas que aqui residem há muitos anos, do que propriamente, como um arquiteto ou um psicólogo que poderiam basear suas teses e argumentos na vivência de suas profissões.

Hoje com 33 anos, Kristian Schiel veio para cá para estudar arquitetura na Universidade de Brasília. Deixou São Carlos (SP) ainda meninote, e atualmente, é formado e radicado aqui. Exerce suas funções de arquiteto trabalhando particularmente. Casado e pai de uma filhinha. Gosta da cidade e sente falta da amplitude e do silêncio quando se afasta.

Para Kristian, a urbanização da cidade é antes de tudo, uma proposta, um começo. E, como tudo que é feito pela primeira vez vem coroado de alguns erros e vantagens. Fazendo um balanço entre os prós e os contras, a tendência é, quase sempre, favorável a Brasília.

De todos os problemas que sente como morador e como arquiteto, o principal, talvez, seja a falta de continuidade do plano original de Lúcio Costa que, certamente, previu uma série de modificações, que por terem sido elaboradas umas isoladas das outras, provocaram muitas vezes problemas subsequentes que não estavam previstos na generalidade do conjunto inicial.

Sobre este aspecto, lembra ele, a Universidade de Brasília, que foi muito bem planejada e, com o decorrer do tempo, talvez por questão de necessidade de expansão, foi totalmente enxertada de prédios novos, cuja arquitetura é diferente da arquitetura dos prédios iniciais e que, por isso, fogem à originalidade e proposição do plano primitivo. Isso, para ele, é uma lástima, pois a UnB perdeu aí, muito de suas características com enxerto de construções cujos projetos arquitetônicos fogem bastante ao ambiente criado inicialmente para a escola, sem contudo, desmerecer os edifícios em si.

Acha Brasília uma cidade bonita e aprecia a disciplina de formas aqui criadas que, em seu conjunto, oferecem aos olhos uma paisagem gratificante e agradável, bastante diferente do caos a que estamos acostumados nas outras cidades, onde, o campo visual é sempre agredido com vitrines por todos os lados e multidões de pessoas, enquanto aqui a amplitude, os grandes espaços, a quantidade de verde e de árvores, proporcionam uma tranquilidade aos habitantes.

Abordando um outro aspecto, Mário Balaban, comenta que não sente grandes influências da cidade sobre as pessoas e acredita que o rótulo de que Brasília é uma cidade criadora de problemas psicológicos seja mais um preconceito criado e cultivado nas pessoas através do tempo. Comenta ele, que até hoje não foi feita nenhuma pesquisa que provasse que o tipo de urbanização e arquitetura da cidade possa provocar problemas em ninguém. Em sua opinião, o problema não está em Brasília, mas em qualquer mudança que possa ocorrer na vida de quem vem para cá. A falta dos amigos, da família, do ambiente, dos hábitos, enfim, problemas que podem acontecer a todas as pessoas que saem e deixam seus hábitos de muito tempo para trás e têm que, de repente, enfrentar outros novos. Isso pode acontecer numa mudança feita para Brasília do mesmo jeito que numa outra feita para qualquer parte do país ou do mundo.

Formado pela 1ª turma de Psicologia da UnB, Mário Balaban especializou-se em Análise Experimental do Comportamento, tendo feito especialização no México, com curso de "Terapia Comportamental". Veio para Brasília em 1964 e, além de dedicar parte de seu tempo à sua clínica e à Fundação Hospitalar, ainda trabalha para algumas escolas da cidade, tentando orientar mais profundamente as professoras no sentido da forma correta quanto ao relacionamento com as crianças.

Comenta ele, que se fosse consultado como psicólogo a opinar num plano de cidade a ser construída com as características de Brasília, não teria razões para ser contrário a nenhum aspecto, pois, a amplitude de formas, a calma que favorece, os grandes espaços, enfim, todo este envolvimento urbanístico da cidade, só podem fazer bem a um indivíduo.